

Maria de Lourdes Figueiredo Bastos da Silva Ramos

A gata Bana visita o Pantanal

Ilustrações
João Sebastião da Costa



Maria de Lourdes Figueiredo Bastos da Silva Ramos

A gata Bana visita o Pantanal

Ilustrações de João Sebastião da Costa



Cuiabá, MT, 2005

A gatinha Bana visitou o Pantanal.

*Para tal, calçou as botas de seu velho conhecido,
o Gato de Botas, gato esperto e inteligente
do Marquês de Carabá.*

*Botas que ele há muito tempo usou,
quando a seu amo ajudou.*

*Botas feitas de magia; botas de sabedoria;
botas que lhe deram muito,
quase tudo o que alcançou.*

*Só que a nossa heroína, esta gatinha ladina,
de idéias bem avançadas,
que tudo o que é bom aprecia,
quer seu tempo empregar cuidando da ecologia.
Por ser moderna, a Baninha não se ilude
nem se frustra.*

*Desconhece majestades e títulos de nobreza.
Para ela a virtude, a verdadeira riqueza,
o que lhe dá alegria, a legítima beleza
é cuidar da natureza, é preservar a floresta,
pois a "natureza em festa", como o Bilac dizia,
é para nós de grande valia.*

*É cuidar dos passarinhos,
que se "balançam nos ninhos",
com eles esbanjar carinho,
para que nunca se extingam,
para que cantem, orquestra sem par!
É não poluir mares, rios, lagos e cascatas,
poemas a nos embalar.
É correr mundo de botas e a toda
a gente ensinar como a natureza preservar.*





Assim foi que a Bana, a gatinha alvinegra de mãozinhas brancas de algodão, sem raça nenhuma, nascida de pai argentino (que residia perto da linha do trem) e de mãe que era filha de siamês paulistano (a gata Margarita), deixou o apartamento onde mora com seus avós humanos, numa rua de São Paulo, defronte do Clube Paulistano, para viajar ao Pantanal – primeira etapa do extenso trabalho ecológico que pretende realizar.

Por um tempo ela não avistará pelas janelas do sétimo andar do edifício as águas azuis das piscinas do clube. Numa delas, de água morninha, garotos praticam pólo aquático nos fins de tarde. Tampouco assistirá ao jogo de tênis daqueles tios, alguns de cabeça bem branquinha – póc, póc, póc, a bater com as raquetes. Assim como não avistará as crianças que lá de cima parecem um bando de formiguinhas travessas vestidinhas de vermelho, roda-rodando... gira-girando... a brincar; nem as belas garotas em tangas e biquínis multicoloridos.

Por uns tempos ela estará longe. Por uns tempos estará fazendo uma viagem ao Pantanal, que precisa ser preservado a qualquer preço, para o nosso bem; que os homens não podem maltratar, como alguns fazem.

O primeiro passo foi pedir emprestadas as botas-de-sete-léguas do Gato de Botas, providência logo tomada por sua avó, que prontamente envia uma carta ao Marquês de Carabá, dono desse famoso gato.

Remetida a carta, de pronto o atencioso Marquês responde.



Palácio da Fantasia, noite de aurora boreal.

Cara Senhora:

Com satisfação atendo-lhe o pedido e remeto-lhe as famosas botas-de-sete-léguas de meu gato. Como a senhora bem sabe, elas foram muito usadas: atravessaram céus, terras e mares, em busca de reinos distantes. Estiveram à mercê de chuva e sol, de todo tipo de intempérie. Motivo pelo qual estão um tanto desbotadas, porém seus amplos poderes continuam em perfeitas condições.

Use-as, cara senhora! Faça delas bom uso para a Humanidade, que tanto necessita de homens "de boa vontade", isto é, de homens que queiram fazer o bem. Que queiram ver todos os povos viver satisfeitos, sem guerras nem fome.

Desejando à sua pupila, a gatinha Bana, o maior sucesso, despeço-me beijando-lhe as mãos.

Assinado: Marquês de Carabá

Poucos dias depois da chegada das botas, a partida se dará. Bana anuncia o local de onde levantará o vôo fantástico, e muitas pessoas vêm vê-lo. Todos os gatos da vizinhança, pretos, brancos, vira-latas, angorás, siameses e pedreses, todos se misturam à legião de ecologistas que foram chegando à porta da sorveteria defronte do apartamento dos avós da gatinha – local preferido por muitos de seus amigos humanos. Aí eles namoram e tomam sorvete de variados sabores: morango, nozes ou chocolate, cobertos de caldas melosas e de deliciosas farofinhas crocantes; e ainda coco, menta ou creme, este salpicado de passas e de frutas cristalizadas. Hum! O *banana split*, eles adoram!

Lindas as garotas que ali aparecem. Os rapazes chegam em motos muito bem equipadas com tudo quanto há de novidade – sinais, lanternas, enfeites dos mais vistosos. Uns vestem blusões de couro preto com botões de metal prateado e mil fivelas polidas. Outros simplesmente usam camisetas e exibem os braços musculosos. Muitos deles portam coletes de camurça colorida, franjados como a roupa dos vaqueiros dos filmes de banguê-banguê. Quase todos usam brincos e óculos escuros. As meninas vestem *short* e têm os cabelos tão compridos quanto os das sereias... Loiras, morenas, mechas coloridas, pele reluzente de sol... e a beleza da juventude... Todos, todos, sem exceção, torcem por nossa heroína, que está resplandecente de felicidade.



Preocupada com a preservação da natureza – matas, rios, fauna e todo o bioma do Pantanal Mato-grossense –, a gata Bana resolve fazer uma grande viagem de reconhecimento, tomando emprestado as botas mágicas do gato do Marquês de Carabá.

Assim, parte da Avenida Paulista em direção ao Rio Paraguai, carregada de preocupações com essa riquíssima região brasileira que todos deveriam conhecer, definida pela Unesco como Reserva da Biosfera e Patrimônio Natural da Humanidade.

No trajeto, lágrimas e sorrisos... Uma profusão de sentimentos e encontros no delicioso texto de Maria de Lourdes da Silva Ramos e ilustração do artista plástico João Sebastião da Costa: um convite para que você também vista as botas-de-sete-léguas e faça esta viagem.

